

CORPO E EDUCAÇÃO: DISCUSSÕES NA PERSPECTIVA DO PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE.¹

CUERPO Y EDUCACIÓN: DISCUSIONES EN LA PERSPECTIVA DEL PARADIGMA EDUCATIVO EMERGENTE.

BODY AND EDUCATION: DISCUSSIONS FROM THE PERSPECTIVE OF THE EMERGING EDUCATIONAL PARADIGM.

SOMMER, Márcia Regina R. G., Universidade Federal do Tocantins (UFT),

marcia.edf@hotmail.com

PINHO, Maria José de, Universidade Federal do Tocantins (UFT),

mjpinho@uft.edu.br

RESUMO

Considerando a transição paradigmática educacional a qual estamos vivenciando, objetiva-se nesse trabalho refletir sobre o papel do “corpo” neste novo pensamento. Por meio de uma revisão de literatura, relacionando autores que tratam do paradigma educacional emergente e de discussões sobre o corpo, observou-se que no primeiro, prezando pela concepção de Homem como ser integral, o conhecimento gerado por intermédio do corpo passa a ser valorizado, bem como as vivências corporais na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Paradigma; Corpo; Educação Emergente.

1 INTRODUÇÃO

Estamos enfrentando momentos de crise, que, em grande parte, se devem à transição de paradigmas que estamos presenciando (do tradicional ao emergente), bem como à amplitude das mudanças e à velocidade em que estão acontecendo.

O paradigma tradicional, que prima pela objetividade, linearidade, causalidade e fragmentação, passa a ser questionado pelo paradigma emergente, que preza uma visão do mundo calcada na “(...) consideração de uma realidade multidimensional, estruturada em múltiplos níveis (...)” (NICOLESCU, 1999: 55).

No paradigma emergente o ser humano e a educação passam a ser vistos de maneira integrada, “(...) e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de

¹ O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si” (MORIN, 2006: 38). No entanto, como estamos em um momento de transição, percebe-se que ainda não há uma uniformidade no que se refere à educação e às concepções de corpo, existindo ainda ranços de um modelo mecanicista.

2 METODOLOGIA

O texto em questão foi escrito a partir de revisão de literatura, fazendo relação entre autores que tratam do paradigma educacional emergente, como Maria Cândida Moraes, e outros que tratam de discussões sobre o corpo, como Carmem Lúcia Soares.

3 DISCUSSÕES

A TRANSIÇÃO DE PARADIGMAS

A história da humanidade mostra que entre o declínio de uma civilização e o desenvolvimento de outra, há um momento de crise, onde as estruturas sociais vigentes não conseguem adaptar-se a novas situações. Isso gera desintegração social e é resultado da inflexibilidade do modelo de civilização. Agregados a essa mudança, estão os paradigmas, que são modelos de explicações e interpretações da realidade, que vigoram por determinado tempo e é aceito pela sociedade. Segundo Crema, paradigma "(...) indica toda a constelação de crenças, valores, procedimentos e técnicas no consenso de uma comunidade determinada" (CREMA, 1989: 18).

O paradigma tradicional:

Esse paradigma teve início por volta dos séculos XVI e XVII, denominados pelos historiadores de Idade da Revolução Científica. Essa transformação foi causada por novas descobertas na física e na astronomia, culminando nas realizações de alguns pensadores, como Galileu, Bacon, Descartes e Newton. Assim, houve a distinção entre espírito e matéria, e esta última se tornou o objeto de estudo da humanidade: “A objetividade instituída como critério supremo de verdade, teve uma consequência inevitável: a transformação do sujeito em objeto” (NICOLESCU, 1999: 21).

Resumidamente, podemos dizer que o paradigma tradicional se caracterizou pelas seguintes propriedades: importância da experiência adquirida apenas pelos cinco sentidos

humanos; raciocínio lógico indutivo e dedutivo; busca da ordem, conformidade, uniformidade e objetividade; relações causais entre os eventos; reversibilidade; regularidade e controle; e observador (homem) neutro e imparcial (CREMA, 1989).

O paradigma emergente:

O início de mudanças ocorridas no pensamento positivista se deu no início do século XX com uma nova maneira de enxergar a física, já que passou a aceitar que tempo e espaço se relacionavam. O precursor dessa nova física foi Albert Einstein, com sua "Teoria da Relatividade". “Estabelece-se na física moderna o conceito do mundo como um todo unificado e inseparável; uma complexa teia de relações onde todos os fenômenos são determinados por suas conexões com a totalidade” (CREMA, 1989: 43).

As perspectivas do paradigma emergente podem ser sintetizadas, de acordo com Brian Swimme, físico norte-americano (CREMA, 1989): nenhum elemento possui real identidade e existência fora do seu entorno total; os nossos conhecimentos são provenientes de nossa própria participação e interação nos processos do universo; além da análise, a síntese é central na compreensão do mundo: conhecer algo implica em saber sua origem e finalidade; e o universo é uma realidade auto-organizante: é total e inteligente.

O PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE

Na perspectiva do paradigma em ascensão, o Homem passa a ser o agente de sua aquisição do conhecimento, através do respeito às múltiplas inteligências (inclusive motora) e aos diferentes níveis de percepção da realidade. “Se a realidade é complexa, ela requer um pensamento abrangente, multidimensional, capaz de compreender a complexidade do real e construir um conhecimento que leve em consideração essa nova amplitude” (MORAES, 1997: 30).

Essa nova perspectiva global deverá acarretar algumas implicações para um novo paradigma educacional, segundo alguns autores: o sistema educacional passará a ser um sistema “vivo”, passível de mudanças, sem certezas e altamente flexível. “Não há evolução que não seja desorganizadora/reorganizadora em seu processo de transformação ou de metamorfose” (MORIN, 2006: 82). Nesta perspectiva, o conhecimento, que já não é mais estático, não pertence apenas ao professor, mas também ao aluno.

Buscar-se-á uma reintegração do sujeito, com a unidade corpo-mente-espírito, tão fragmentada na atual concepção educacional. Importante essa reintegração, tendo em vista que o paradigma tradicional fragmentou o Homem e passou a valorizar apenas a mente (pensamento objetivo e científico), desconsiderando o espírito e as subjetividades, e desvalorizando o corpo e tudo que é produzido com o mesmo.

Além disso, a educação deverá passar a entender o Homem no seu contexto, percebendo as conexões com as diversas realidades. Ainda, o conhecimento se dará em forma de “redes”, com os diversos conhecimentos conectados entre si. Dentro do novo paradigma, não é mais possível a fragmentação disciplinar, mas uma relação de conectividade entre as mesmas.

Pensando-se no novo paradigma educacional, percebe-se que nas próximas décadas se acentuará a contradição entre a atual forma escolar e as novas exigências da sociedade: multiculturalidade, pensamento ecológico, heterogeneidade e valorização das relações humanas (TEODORO, 2003). Os processos educativos deverão vir ao encontro da realidade posta, possibilitando um caminho para uma formação para a autonomia e criticidade.

O CORPO ATUAL E A TRANSIÇÃO DE PARADIGMAS

As implicações do paradigma tradicional nas concepções de corpo:

Com a cisão do homem e da natureza, a maneira de ver o corpo humano modificou não só o homem, mas todo o sistema passou a ser analisado de uma forma fragmentada. O mundo, como já citado anteriormente, passou a ser concebido como uma máquina, que para funcionar adequadamente, deveria ser analisada peça por peça.

Mesmo com o surgimento posterior de um paradigma que vê o homem sob outra ótica (emergente), o paradigma tradicional ainda influencia muitas concepções na atualidade, inclusive as de corpo. Isso porque estamos em uma fase de transição de um paradigma para o outro.

Ainda hoje, então, o corpo é tratado como uma máquina, já que se tornou um “objeto” que é usado pelo seu “possuidor” da maneira que melhor lhe convir, à medida que a medicina evolui e para satisfazer as vontades de um paradigma vigente: o da estética de corpos “sarados” e “malhados”. “Tudo se passa como se em nossos dias, as transformações do corpo estivessem mais na moda do que nunca, enquanto os limites do que é certo e errado, falso e

verdadeiro, natural e artificial tivessem sido completamente robotizados” (SOARES, 2001: 18).

Não há como não comentar sobre a profissionalização dos esportes, onde há um consumo cada vez maior de anabolizantes e substâncias que visam melhorar o desempenho de atletas. Estes, que deveriam ser modelo de saúde, estão se aposentando cada vez mais cedo devido a longos períodos de treinos exaustivos. Essa busca pela superação dos limites humanos faz com que o Homem esqueça de sua complexidade e explore ao máximo seu corpo.

Em breve, nada será mais ‘natural’ do que a cena de um atleta cruzando a linha de chegada e batendo o recorde dos 100 metros rasos. Esta imagem, gravada e insistentemente repetida em diferentes ângulos e closes, registrará não só a ‘criatura’, mas principalmente o logotipo de seu ‘criador’ estampado na camiseta: um laboratório farmacêutico responsável pelo medicamento vencedor (SOARES, 2001: 66).

Corpo no paradigma e educação emergentes:

O Homem nesse novo paradigma não é um ser fragmentado, e sim, um ser único, total, onde corpo, alma e mente não se dissociam: relacionam-se. Segundo Moraes, o Homem é o agente de sua realidade: “Um sujeito, então, já não mais solitário, ou seja, um sujeito sempre solidário, mestiço, pensante, proativo, consciente do inacabamento e da provisoriedade de sua história, de seus talentos e potencialidades” (MORAES, 2015: 61)

O Homem, dentro dessa perspectiva, não tem como ser concebido como uma junção de partes distintas, que não interagem. Atualmente, existem inúmeras situações onde se busca trabalhar com a complexidade e a totalidade do ser humano.

Na medicina, por exemplo, já se sabe da existência de doenças psicossomáticas, que são desenvolvidas a partir de problemas psicológicos. Na educação, não se trata mais o homem como um “aprendiz” apenas: ele é o agente de sua aquisição do conhecimento, através do respeito às múltiplas inteligências (inclusive motora).

O corpo, especificamente, não é concebido apenas no seu aspecto motor: passa a ser ligado à mente e ao espírito, e são indissociáveis. A própria educação física já apresenta discursos que tratam dessa indissociabilidade: “O corpo, tal qual o percebe, deve ser entendido não através de qualquer visão departamentalizada das ciências, mas na riqueza de sua totalidade que se transforma na sua dimensão verdadeiramente humana e histórica” (MEDINA, 1990: 91).

Dentro dessa visão, há uma diferença de objetivos e metodologias de trabalho: ao invés de se buscar a educação “do” movimento apenas, busca-se “pelo” movimento. Há um respeito aos limites corporais, diferente do esporte de alto rendimento e, principalmente, uma busca pelo “bem-estar” das pessoas.

Esse “bem-estar” é um “mix” de situações: saúde e equilíbrio entre as esferas do ser humano (cognitiva, motora e afetiva-social). Isso, falando em atividade física, está sendo encontrada em diversas modalidades: esportes (sem o enfoque profissional), atividades recreativas e, principalmente, em atividades onde a integração do homem é mais visível como, atividades de expressão corporal, atividades físicas de origem Oriental (onde essa integração existe há milênios). Estas são: a Ioga, Tai-chi-chuan, exercícios de respiração, massagens, lutas, etc. A transição de um paradigma para o outro nos mostra uma realidade onde coexistem as duas concepções de corpo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que nesse momento de transição, os valores estão se reorganizando, os conceitos sendo expandidos, as metodologias de ensino se alterando. O paradigma educacional emergente abarca a compreensão de um ser humano que não é dividido em esferas, como preconiza o pensamento tradicional. A aprendizagem, nesse paradigma, se dá por meio de redes, valorizando os múltiplos saberes e diferentes modos de relação com o conhecimento.

As atividades corporais, a partir dessa ótica, passam a ter tanto valor quanto outras dimensões do conhecimento. Não apenas a cognição passa a ser valorizada, mas as relações estabelecidas pela mediação do corpo também. Assim, a educação física e as artes cênicas (dança, teatro, atividades circenses, performance, etc) desempenham o papel de produzir conhecimento por meio do movimento corporal.

O contexto escolar é fecundo de manifestações e vivências corporais, valorizando o Homem enquanto ser integralizado. À escola cabe expandir a visão de conhecimento, fornecendo referências, não só para o desfrute, o prazer e o enriquecimento humano, mas também para compreender, avaliar, criticar, problematizar as questões postas na sociedade.

Obviamente, não se esgota aqui esse estudo, sendo necessárias mais pesquisas acerca da relação estabelecida entre o paradigma educacional emergente e a mediação da

aprendizagem pelas vivências corporais.

5 REFERÊNCIAS

CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

_____. *Transdisciplinaridade, criatividade e educação*. Campinas, SP: Papirus, 2015.

MEDINA, João Paulo Subira. *O brasileiro e seu corpo*. 2 ed., Campinas-SP: Papirus, 1990.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.

SOARES, Carmem Lúcia. (org.). *Corpo e história*. Campinas-SP, Autores Associados, 2001

TEODORO, António. *Globalização e educação: políticas educacionais e novos modos de governação*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003 – (Coleção Prospectiva, V. 9).